

economia

Dívida em alta exigirá medidas ainda neste ano

Estoque da dívida bruta avançou de 71,7% em dezembro de 2022 para 81,9% do PIB em junho de 2026

/ CONJUNTURA

O crescimento da dívida pública para o mesmo patamar da época da Covid-19 vai exigir a negociação de medidas ainda neste ano pelo próximo presidente eleito para entrarem em vigor nos primeiros três meses de 2027.

A avaliação de economistas ouvidos pela reportagem é que o salto de quase 11 pontos percentuais da dívida bruta durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva torna urgente a discussão das medidas robustas de ajuste nas contas públicas pelos candidatos que disputam o Palácio do Planalto.

O estoque da dívida bruta saltou de 71,7% em dezembro de 2022 para 81,9% do Produto Interno Bruto (PIB) em junho deste ano, alcançando R\$ 10,8 trilhões. Um incremento de 10,2 pontos percentuais ao longo de três anos e meio do governo Lula 3.

Na época da Covid-19, os gastos do governo federal aumentaram para fazer frente ao impacto da emergência sanitária na economia e na vida dos brasileiros. Ao contrário de 2022, quando a equipe do presidente Lula negociou a

chamada Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que elevou em cerca de R\$ 168 bilhões as despesas do Orçamento da União, agora o sinal terá que ser o contrário: de aperto com corte das despesas obrigatórias.

A Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão técnico vinculado ao Senado que promove a transparência das contas públicas, projeta que a dívida bruta deve chegar a 95,7% do PIB no último ano do próximo governo e ultrapassar o patamar de 100% em 2032, se nada for feito para conter o crescimento das despesas.

Daqui a dez anos, o endividamento do País estaria em 115% do PIB. A probabilidade de o estoque da dívida ultrapassar 90%, entre 2026 e 2030, é de 80%, de acordo com a IFI. “Às vezes as pessoas não conectam as coisas. O sinal maior disso tudo são as próprias taxas de juros. O maior devedor da economia é o governo e isso põe pressão nas taxas de juros, que se manifesta também no dia a dia da política fiscal expansionista”, diz o economista Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central.

Para ele, o problema não é somente o tamanho da dívida, mas

o fato de ela estar crescendo muito rápido, sem a realização de superávit primários nas contas do governo, o que acaba refletindo em taxas de juros de 8%, 9% em termos reais. “A relação dívida e PIB só vai crescer e isso é um fator de grande estresse em potencial. Mas neste momento, como as coisas da economia andam bem, desemprego muito baixo, o país cresceu de fato nos últimos três anos, acho que está encomendada uma decepção, um susto quando esse assunto começar a aparecer, e as tensões do mercado continuarem a aumentar”, ponderou.

A economia brasileira, afirma ele, já vive um quadro “no mundo do crédito” extremamente delicado, tanto para as pessoas físicas, quanto para as empresas, além do próprio governo.

O diretor-executivo da IFI, Marcus Pestana, prevê que o próximo presidente eleito terá que fazer o ajuste no primeiro trimestre, sem tempo a esperar. “Qualquer que seja o presidente, ele vai ter que chegar com medidas (depois das eleições) para o primeiro trimestre, apresentar um plano de voo para o país e construir maioria para levar”, diz.



JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL/DIVULGAÇÃO/JC

Especialistas apontam necessidade de corte das despesas obrigatórias

“Tem que ter uma reforma que está contratada para o primeiro trimestre, que era um conjunto de medidas que passa por revisar gastos tributários, revisitar a questão da Previdência, fazer a reforma administrativa não tanto para ganho fiscal.”

Ele defende a manutenção do arcabouço fiscal pelo próximo governo, mas com a adoção “meta fiscal pura” de resultado das contas públicas sem os descontos e abatimentos. Ou seja, o governo assume o compromisso de fechar as contas no valor exato prometido, sem descontar gastos que nor-

malmente ficam de fora das regras fiscais. “A vida com ela é”, afirma ele ao fazer uma comparação com a série de contos de Nelson Rodrigues. Pestana diz que as projeções da IFI apontam que em 2027, sem mudanças, o Orçamento da União já estará 100% engessado. O Brasil, ressalta o executivo da IFI, convive há 13 anos com déficit primário - uma trajetória hoje a ser corrigida. O chefe da IFI inclui nessa conta o último ano do governo Bolsonaro, quando as contas públicas registraram pequeno superávit. “Havia vários passivos para baixo do tapete”.

Lucro da Marcopolo cai 15,5% e soma R\$ 271,2 milhões no segundo trimestre

/ BALANÇO

A Marcopolo reportou lucro líquido de R\$ 271,2 milhões no segundo trimestre de 2026. A cifra representa queda de 15,5% ante igual intervalo de 2025. O Ebitda caiu 15% na mesma base com-

parativa, atingindo R\$ 338,6 milhões. Já a margem Ebitda atingiu 14,3%, queda de 3 pontos percentuais na base anual.

A receita operacional líquida da Marcopolo somou R\$ 2,373 bilhões ao final de junho, alta anual de 3%. O desempenho foi puxado

pelo avanço de 16,2% das receitas de exportação do Brasil, que somaram R\$ 289,9 milhões, e pelas receitas no Brasil, que subiram 11,3%, somando R\$ 1,462 bilhão. Por outro lado, a receita no exterior totalizou R\$ 621,3 milhões, recuo de 16,3% em relação ao segun-

do trimestre de 2025.

O resultado financeiro líquido no período foi de R\$ 29,1 milhões, sobre o resultado também positivo de R\$ 42,7 milhões registrado um ano antes. A empresa destaca que, neste segundo trimestre, apurou uma variação cambial positiva as-

sociada à valorização do real frente ao dólar norte-americano sobre a carteira de pedidos em dólares.

A companhia realiza o hedge do câmbio das exportações no momento da confirmação dos pedidos de venda, assegurando a margem dos negócios.

A escolha certa **transforma** *vidas*

Uma escola de qualidade desperta talentos, amplia conhecimentos e prepara para a vida. Por isso, é uma das decisões mais importantes para a família.

Visite escolas particulares e descubra o que a educação privada pode oferecer.

SINEPER/S
SINDICATO DO ENSINO PRIVADO
NOSSO PRINCIPAL CONTEÚDO É O SER HUMANO